

# Análise paleográfica e comentários ortográficos sobre a Carta do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys

Paleographic analysis and orthographic comments on  
Carta do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42331>

*Mariane Soares Torres*

Bacharela em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e aluna do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH - USP). Atua na linha de pesquisa de Filologia do português, estudando, principalmente, o português moderno.

E-mail: [mariane.torres@usp.br](mailto:mariane.torres@usp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5723-8026>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo tornar conhecido e comentar um manuscrito encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cópia que tem como título *Carta do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys*, datada do ano de 1751. O texto narra a viagem que a comitiva de Rolim de Moura, o Conde de Azambuja, fez do interior de São Paulo até a Vila do Cuiabá usando os rios do interior do Brasil para assumir o governo da recém-criada Capitania do Mato Grosso. Documento muito importante para a historiografia brasileira, foi editado diversas vezes ao longo dos séculos. O manuscrito analisado aqui se trata da terceira cópia encontrada no âmbito de uma pesquisa de mestrado que tem esse texto como peça central. Além de analisá-lo do ponto de vista paleográfico, também é feito comentário sobre aspectos ortográficos encontrados no manuscrito, o que demonstra o potencial que o documento apresenta não apenas para a historiografia brasileira, mas também para os estudos sobre a história da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Paleografia. História. Linguística. Mato Grosso. Monções cuiabanas.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to make known and comment on a manuscript found in the National Library of Rio de Janeiro, a copy that has the title *Carta do Ill.<sup>mo</sup> and Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys*, dated in the year of 1751. The text narrates the trip that Rolim de Moura's entourage, the Count of Azambuja, made from the interior of São Paulo to Vila do Cuiabá by river to assume the government of the newly created Captainty of Mato Grosso. A very important document for Brazilian historiography, it has been edited several times over the centuries. The document analyzed here is the third handwritten copy found in the context of a master's research that has this text as its centerpiece. In addition to analyzing it from a paleographic point of view, a comment will also be made on some orthographic aspects found in the manuscript, which will demonstrate the potential that the document presents not only for Brazilian historiography, but also for linguistic studies of the history of tongue.

**Keywords:** Paleography. History. Linguistics. Mato Grosso. Cuiaban monsoons.

## Introdução

Este artigo diz respeito a um documento manuscrito encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob o título de *Carta do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys em que lhe relata os sucessos de sua viagem para o Seo Governo do Matto grosso em 1750*<sup>1</sup>. Trata-se de uma cópia da relação de viagem de Antonio Rolim de Moura, Conde de Azambuja, documento em que relata a viagem feita entre 1750 e 1751 do interior de São Paulo até a Vila do Cuiabá. O manuscrito original é desconhecido, no entanto, são localizadas três cópias manuscritas. A cópia tida como principal, por ter sido utilizada como base para muitas edições posteriores, está datada de 1750 e se localiza na Biblioteca Nacional de Portugal<sup>2</sup> (doravante BNP), também de autor material desconhecido. A segunda cópia é de 1802, e se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ela está dentro de um livro manuscrito chamado *Recopilação de notícias da Capitania de S. Paolo*, escrito por Luis Vilhena dos Santos<sup>3</sup>. A terceira cópia é estudada neste artigo e é nomeada BNRJ<sup>4</sup>.

Além dessas cópias, o texto foi editado e publicado impresso pela primeira vez pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro no século XIX (VARNHAGEN, 1845)<sup>5</sup> e, a partir daí, teve sua publicação feita diversas outras vezes ao longo do tempo: Taunay (1953)<sup>6</sup> o publicou em “Relatos monçoeiros”, Mendonça (1985)<sup>7</sup> o publicou em “Rios Guaporé e Paraguai: primeiras fronteiras definitivas do Brasil”, e Cleto et al (1977)<sup>8</sup>, em “Roteiros e notícias de São Paulo colonial: 1751-1804”. Amaral (1935)<sup>9</sup> publicou uma segunda edição do manuscrito de Luis Vilhena. Paiva et al (1982)<sup>10</sup> organizaram dois volumes com a correspondência de Antonio Rolim de Moura, publicando o

---

<sup>1</sup> CARTA do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys em que lhe relata os sucessos de sua viagem para o Seo Governo do Matto grosso em 1750. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, s.d.

<sup>2</sup> RELAÇÃO da viagem que fez o Conde de Azambuja da cidade de São Paulo para a Vila do Cuiabá no ano de 1751. Biblioteca Nacional de Portugal, Secção XIII - Manuscriptos/[José António Moniz].

<sup>3</sup> VILHENA, L. S. *Recopilação de notícias da Capitania de São Paulo* [Manuscrito]. Lisboa, 1802.

<sup>4</sup> Apesar de o documento estudado neste artigo e também o manuscrito de 1802 serem ambos parte do acervo da BNRJ, apenas o primeiro trará essa sigla como nome, já que o manuscrito de 1802 possui autoria confirmada e o primeiro, não. Dessa forma, será facilitada a identificação dos documentos no decorrer do artigo.

<sup>5</sup> VARNHAGEN, F. A. Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, d. Antonio Rolim, da cidade de São Paulo para a vila de Cuiabá em 1751. *RIHGB*, T.7, p. 469-497, 1845.

<sup>6</sup> TAUNAY, A. E. *Relatos sertanistas*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. [1953].

<sup>7</sup> MENDONÇA, M. C. *Rios Guaporé e Paraguai: primeiras fronteiras definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox, 1985.

<sup>8</sup> CLETO, M. P. et al. *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial*. Coleção Paulística. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1977.

<sup>9</sup> AMARAL, B. (Org.). *Recopilação de notícias da Capitania de S. Paulo*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1935.

<sup>10</sup> PAIVA, A. M. M. et al. (Org.). *D. Antônio Rolim de Moura: primeiro Conde de Azambuja. (Correspondências)*. Cuiabá: EdUFMT, 1982.

documento aqui estudado no primeiro volume. Todas essas edições atualizaram a grafia do texto para suas respectivas épocas.

O contexto histórico envolvido diz respeito à criação da Capitania do Mato Grosso, em 1748. Antonio Rolim de Moura Tavares, fidalgo português, é nomeado pela Coroa Portuguesa governador e capitão-general da recém-criada Capitania do Mato Grosso, antes território pertencente à Capitania de São Paulo. As minas de ouro encontradas às margens do rio Cuiabá e seus afluentes, pode-se dizer, foram o principal motivo para que aquela terra começasse a ser povoada por bandeirantes paulistas e, posteriormente, chamasse atenção da Coroa para fixar aquelas terras como domínios de Portugal, já que a Coroa Espanhola possuía missões em regiões próximas. Dessa forma, o rei D. João V nomeia Rolim de Moura para que governasse e organizasse o território, requerendo “a maior vigilância por causa da vizinhança que tem”, além disso que “naquele distrito se faça população numerosa, e haja forças bastantes a conservar os confinantes em respeito”, “frequentar, quanto for possível, a navegação e pesca do rio Guaporé, para que não tome vigor com a negligência da nossa parte”, e também lidar com os “bárbaros”, seja por guerra ou por domesticação (MENDONÇA, 1985, p. 24-25)<sup>11</sup>.

Com isso, Rolim de Moura vai até o Brasil, e de São Paulo primeiramente vai a Parati, pois por ordem da rainha deveria encontrar com Gomes Freire de Andrade e receber informações sobre o local para onde iria. De volta a São Paulo, viaja até Ararituaba (região da atual cidade de Porto Feliz, no interior de São Paulo), local de onde geralmente partiam as monções cuiabanas<sup>12</sup>, e de lá avança com uma expedição em canoas pelo rio Tietê em direção à Vila de Cuiabá. A viagem vai do início de agosto de 1750 até janeiro de 1751.

Trata-se, portanto, de uma carta de Rolim de Moura endereçada a seu primo, o conde de Val de Reis, em que narra sobre os rios navegados pela expedição, como são, o que se encontra neles, o que se encontra em terra: animais, caças, vegetais, pontos em que havia cachoeiras, entre outras características e informações sobre a viagem. A carta, posteriormente, servirá de base para os primeiros mapas do centro-oeste brasileiro (CANOVA, 2011)<sup>13</sup>, fato que, junto ao número de vezes em que foi editada, torna o texto de grande importância para a historiografia.

---

<sup>11</sup> MENDONÇA, 1985, p. 24-25.

<sup>12</sup> “o movimento monçoieiro, entrelaçado ao bandeirismo paulista foi uma continuação das várias bandeiras que, no século XVI e XVII, percorreram os territórios ocidentais e atravessaram a região onde se formaria o Estado do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nessa transição, os caminhos percorridos a pé pelos bandeirantes no interior do continente americano, aos poucos foram substituídos no início do século XVIII pelos caminhos fluviais e se constituíram em um intenso movimento migratório ocorrido entre Ararituaba e Cuiabá.” (HOLANDA, 1976, p.47 apud AMORIM, 2014, p. 2).

<sup>13</sup> CANOVA, L. *Antônio Rolim de Moura e as representações da paisagem no interior da colônia portuguesa na América (1751-1764)*. 2011. Tese (Doutorado em História) -Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

## 1. Análise paleográfica

Não existem muitas informações de catalogação do documento que será estudado neste artigo, isto é, o terceiro testemunho do documento relacionado ao Conde de Azambuja. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro coloca a numeração “09, 03, 010” como localização topográfica do manuscrito em seu acervo<sup>14</sup>. Ele não está digitalizado e nem catalogado no site, sendo necessária uma visita presencial para consultá-lo.

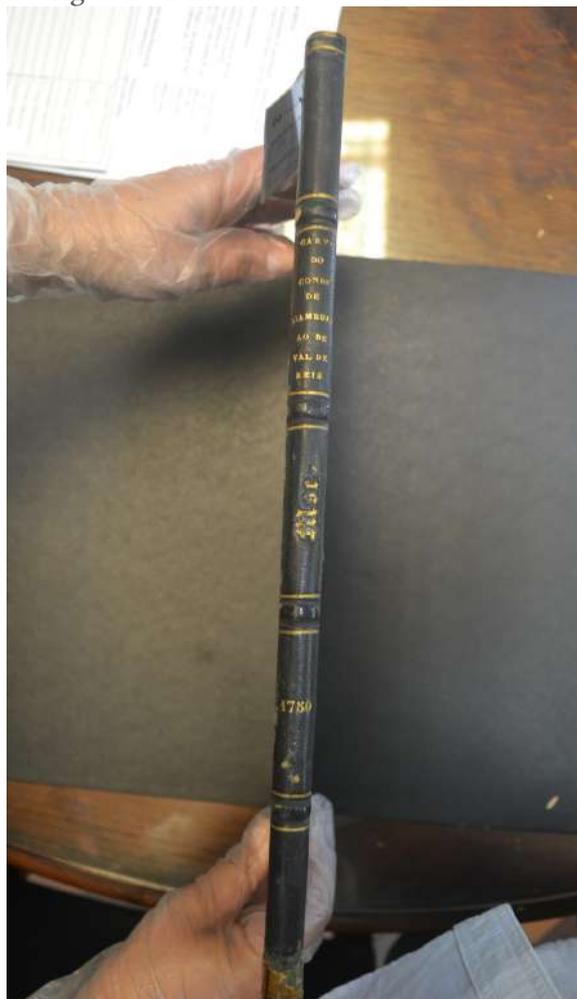
O manuscrito está encadernado e a única datação se dá a partir do título (Figura 1), em que se encontra também o autor atribuído (o Conde de Azambuja – e não Antonio Rolim de Moura Tavares). O problema, que ocorre também com o manuscrito BNP, é que a datação de 1751 diz respeito ao ano em que ocorre a viagem, mas “ainda em Mato Grosso, Rolim de Moura recebeu de D. José I, em 21 de maio de 1763, o título de Conde de Azambuja”(CANOVA, 2011, p. 63)<sup>15</sup>, sendo então impossível que o manuscrito seja realmente de uma data anterior a 1763. Além disso, há trechos em que são descritos eventos acontecidos em anos posteriores, como se lê no início da segunda parte do documento: “Sendo D. Antonio Rolim nomeado para governar Matto Grosso, chegou ao lugar em que esta hoje Villa Bella a 14 de Dezembro de 1751 levantou a Villa a 19 de Marco de 1752 aborda do rio Guaporé em huã paragem chamada o Pouzo Alegre”.

---

<sup>14</sup> BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. *Catálogo da Exposição de História do Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1981.

<sup>15</sup> CANOVA, 2011, p. 63.

Figura 1 - Lombada do manuscrito encadernado



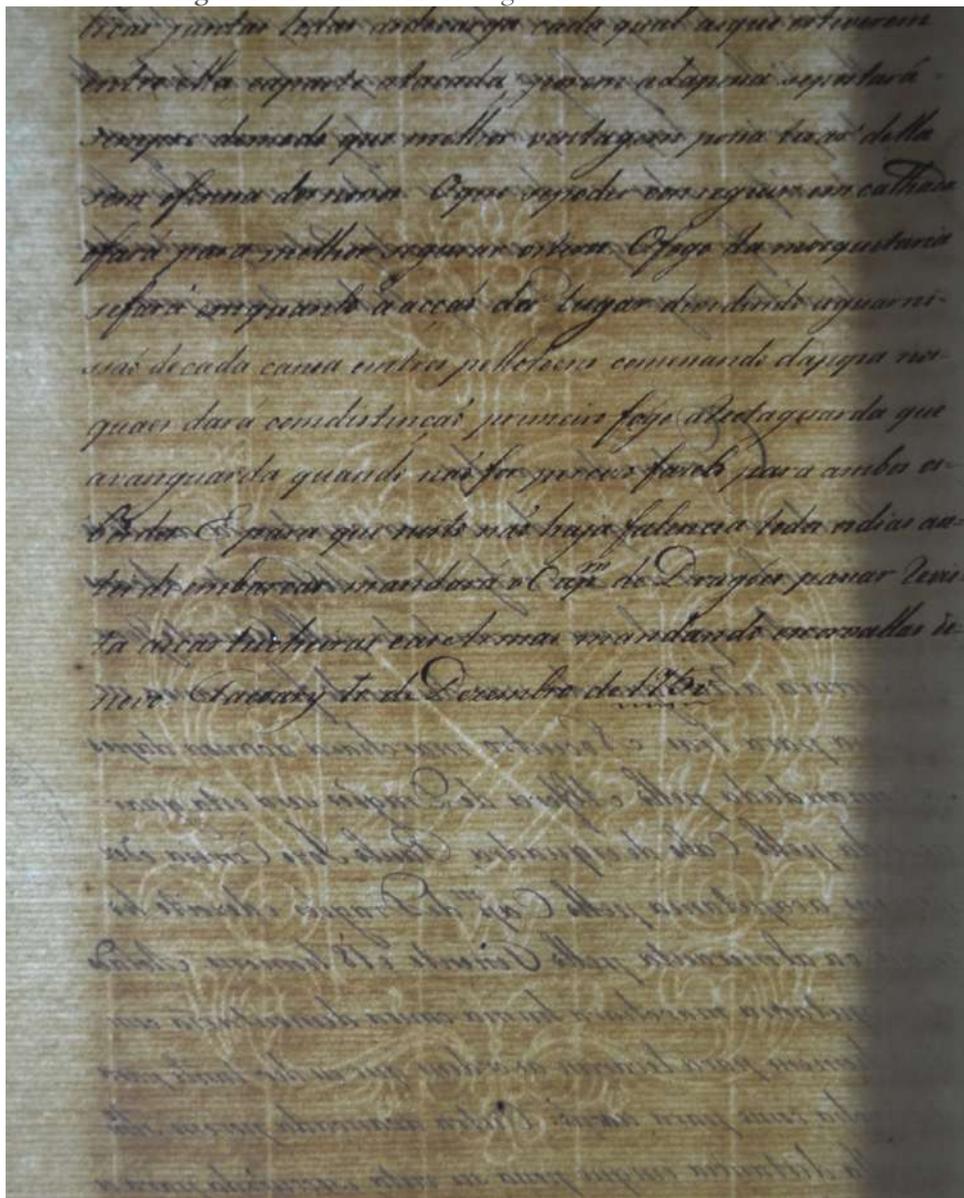
Fonte: Acervo pessoal da prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida M. Borrego.

As pistas que se têm, até o momento, de uma datação aproximada, são a marca d'água (Figura 2) e o fato de que há trechos no texto mencionando acontecimentos ao longo da década de 1750. De acordo com Oliveira (2014, p. 221)<sup>16</sup>, a marca d'água mostra “um brasão, do lado esquerdo a contramarca, ao meio da folha um arabesco e, do lado direito um brasão com árvore no cimo e pergaminhos enrolados em volta. No meio, a cruz de Santo André, em formato de Xx, com as iniciais S K e, abaixo, a letra W”. Ela pertence a um moinho de papel do Norte da Holanda, e as iniciais pertencem a Sebille van Ketel & Wassenbergh. A mesma marca d'água foi encontrada em outros documentos da Biblioteca Nacional datados do fim do século XVIII e início do século XIX.

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, G. G. M. Estudo do papel e das filigranas e sua ocorrência em manuscritos dos séculos XVIII e XIX na capitania e província de Mato Grosso. 2014. 299 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014.

Figura 2 – Detalhe da marca d'água encontrada no manuscrito

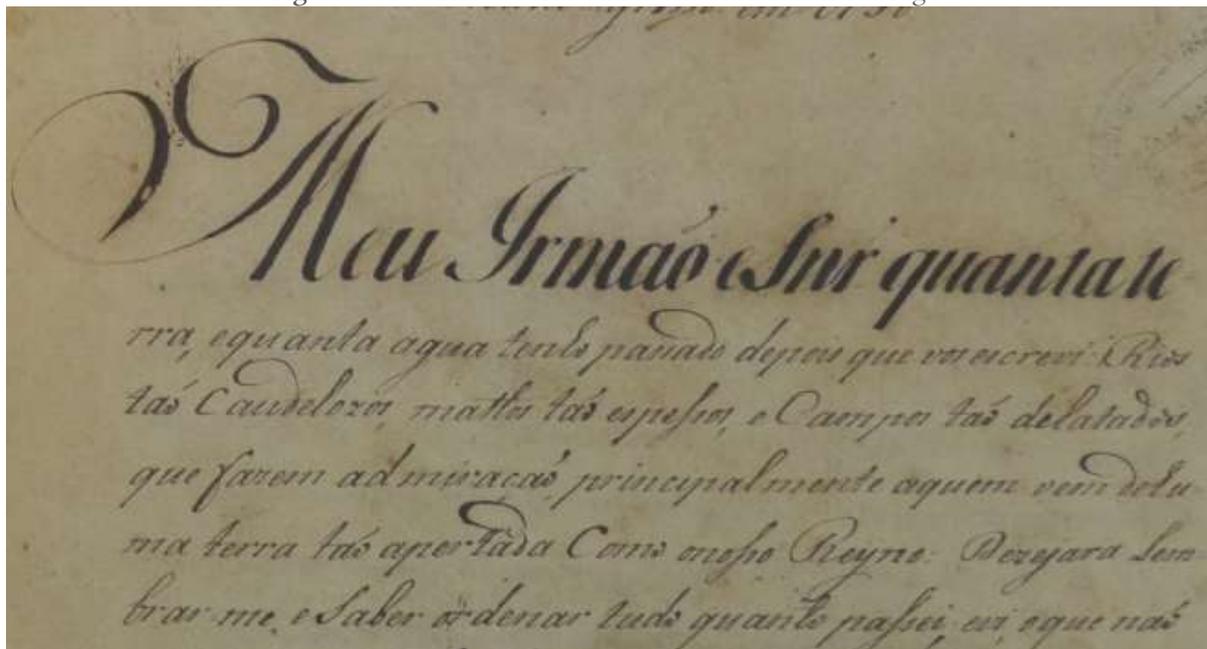


Fonte: Acervo pessoal da prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida M. Borrego.

A escrita humanística encontrada no documento (Figura 3) também possui relação com o tipo de escrita mais utilizado no fim do XVIII e início do XIX. Cursiva, inclinada para a direita, legível e bem trabalhada, ela se assemelha a outras escritas do período, como se pode ver nas imagens a seguir (Figuras 4 e 5). Além de ser semelhante à escrita encontrada em outros manuscritos da época, é semelhante também à escrita encontrada em manuais de caligrafia produzidos no século XVIII, como o manual de Manuel Figueiredo (1722) (Figura 6)<sup>17</sup>. O Quadro 1 oferece detalhes da escrita encontrada no manuscrito da BNRJ.

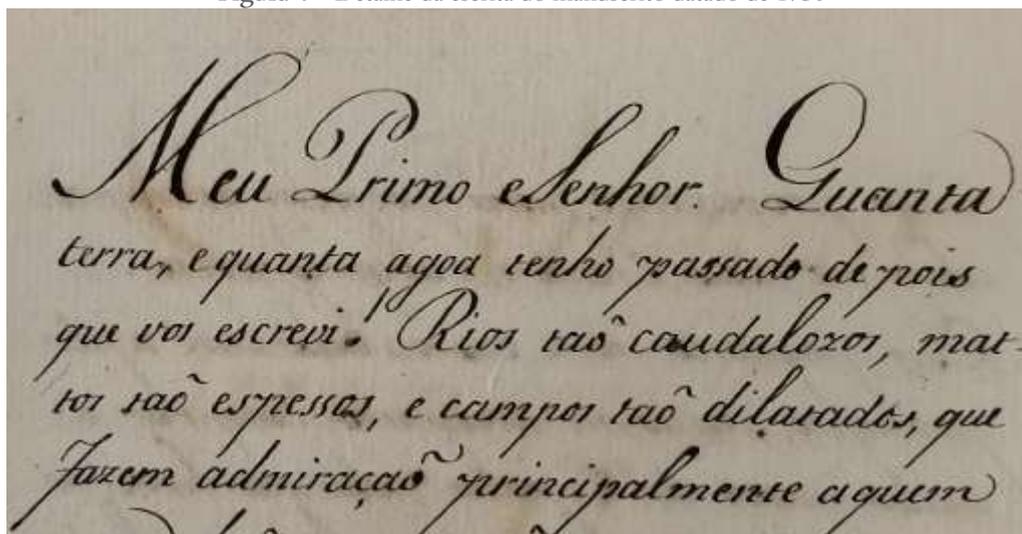
<sup>17</sup> FIGUEIREDO, M. A. Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar. Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722.

Figura 3 – Detalhe da escrita do manuscrito estudado neste artigo



Fonte: Acervo pessoal da prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida M. Borrego.

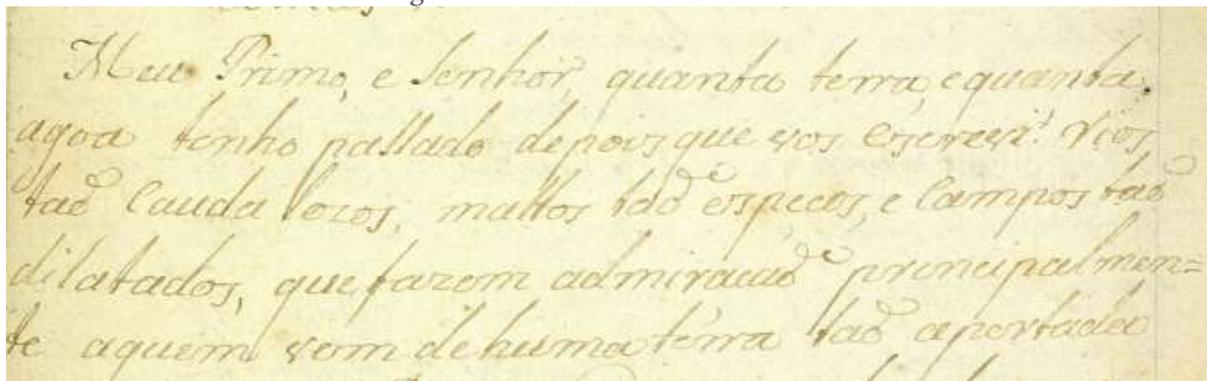
Figura 4 – Detalhe da escrita do manuscrito datado de 1750



Fonte: RELAÇÃO da viagem [...], 1750, fl. 6r<sup>18</sup>.

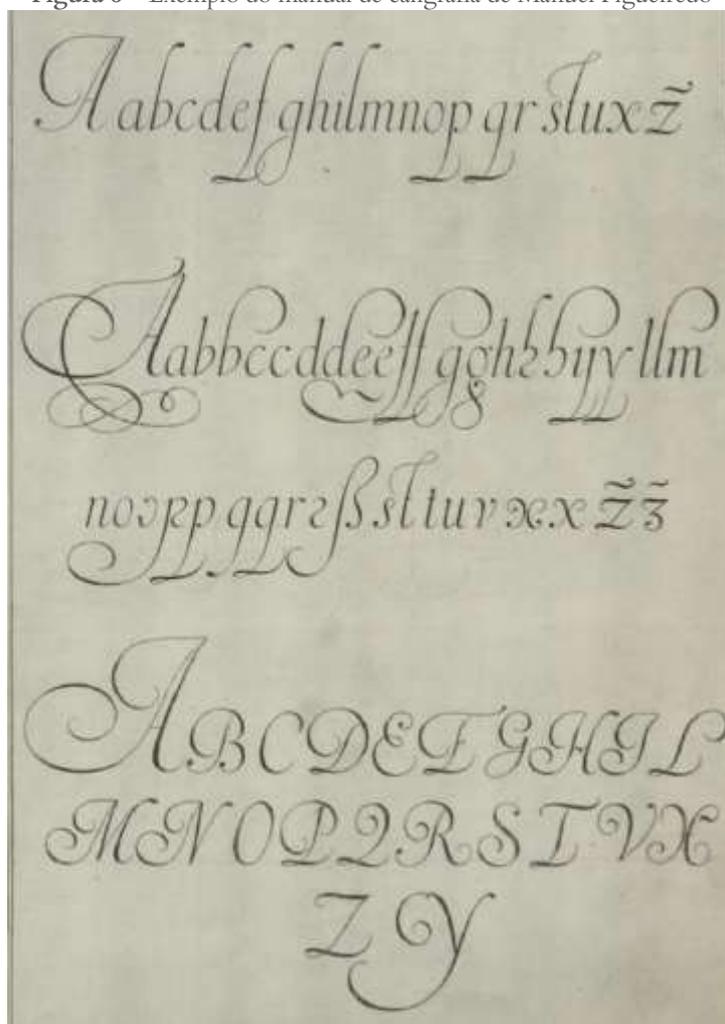
<sup>18</sup> RELAÇÃO da viagem [...], 1750, fl. 6r.

Figura 5 – Detalhe do manuscrito de 1802



Fonte: Vilhena, 1802, p. 57<sup>19</sup>.

Figura 6 – Exemplo do manual de caligrafia de Manuel Figueiredo

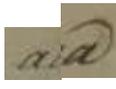
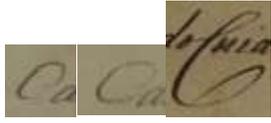
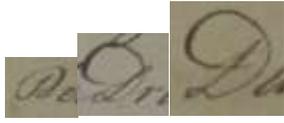
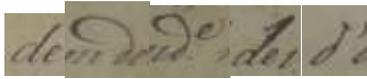
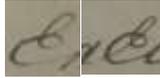
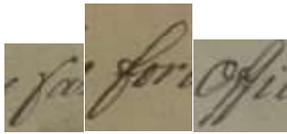
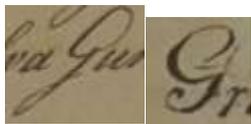
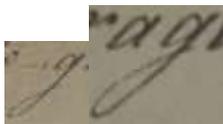
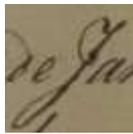
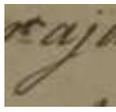
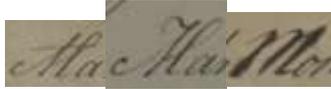
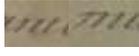
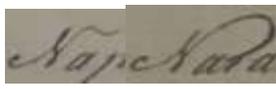


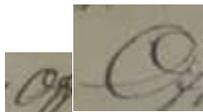
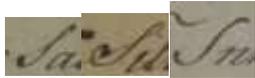
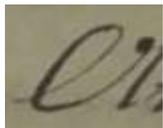
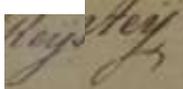
Fonte: FIGUEIREDO, 1722, ilustração n° 7.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> VILHENA, 1802, p. 57.

<sup>20</sup> FIGUEIREDO, 1722, ilustração n° 7.

Quadro 1 – Alfabeto do manuscrito estudado

Letra	Maiúscula	Minúscula
A,a		
B,b		
C,c		
D,d		
E,e		
F,f		
G,g		
H,h		
I,i		
J,j		
K,k	-	-
L,l		
M,m		
N,n		

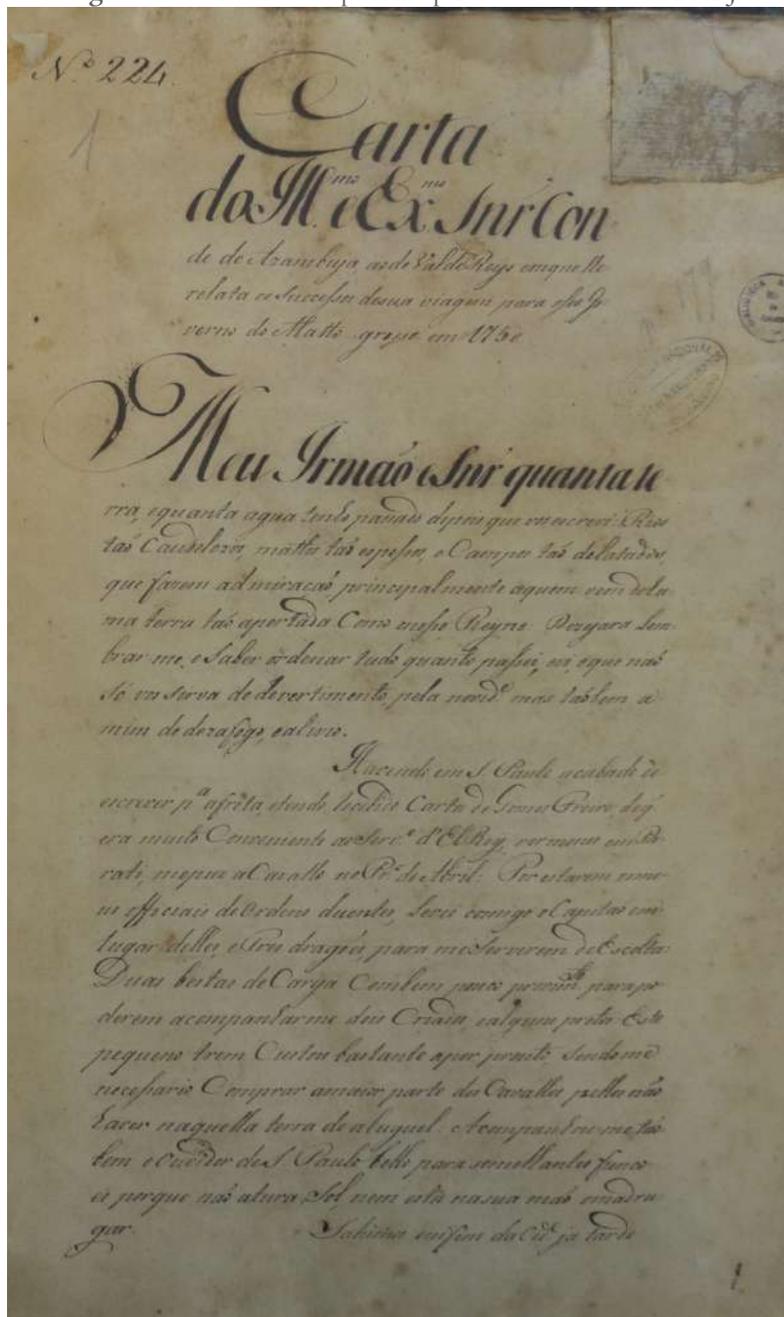
O,o		
P,p		
Q,q		
R,r		
S,s		
T,t		
U,u		
V,v		
W,w	-	-
X,x		
Y,y	-	
Z,z	-	

Fonte: elaboração própria.

O texto possui duas partes. A primeira contém o relato da viagem de Rolim de Moura (Figura 7), presente também em outras edições e cópias do documento; a segunda, um texto que narra a continuação da viagem de Rolim de Moura de Cuiabá até Vila Bela da Santíssima Trindade, mais ao Norte do atual estado do Mato Grosso (Figura 8). A Vila foi fundada justamente por ordem da Coroa, para que se povoasse o local e, como já citado, não houvesse motivos para que a Espanha tomasse o território alegando falta de uso. É desconhecida, até o momento, a existência de outra cópia ou do original da segunda parte do manuscrito.

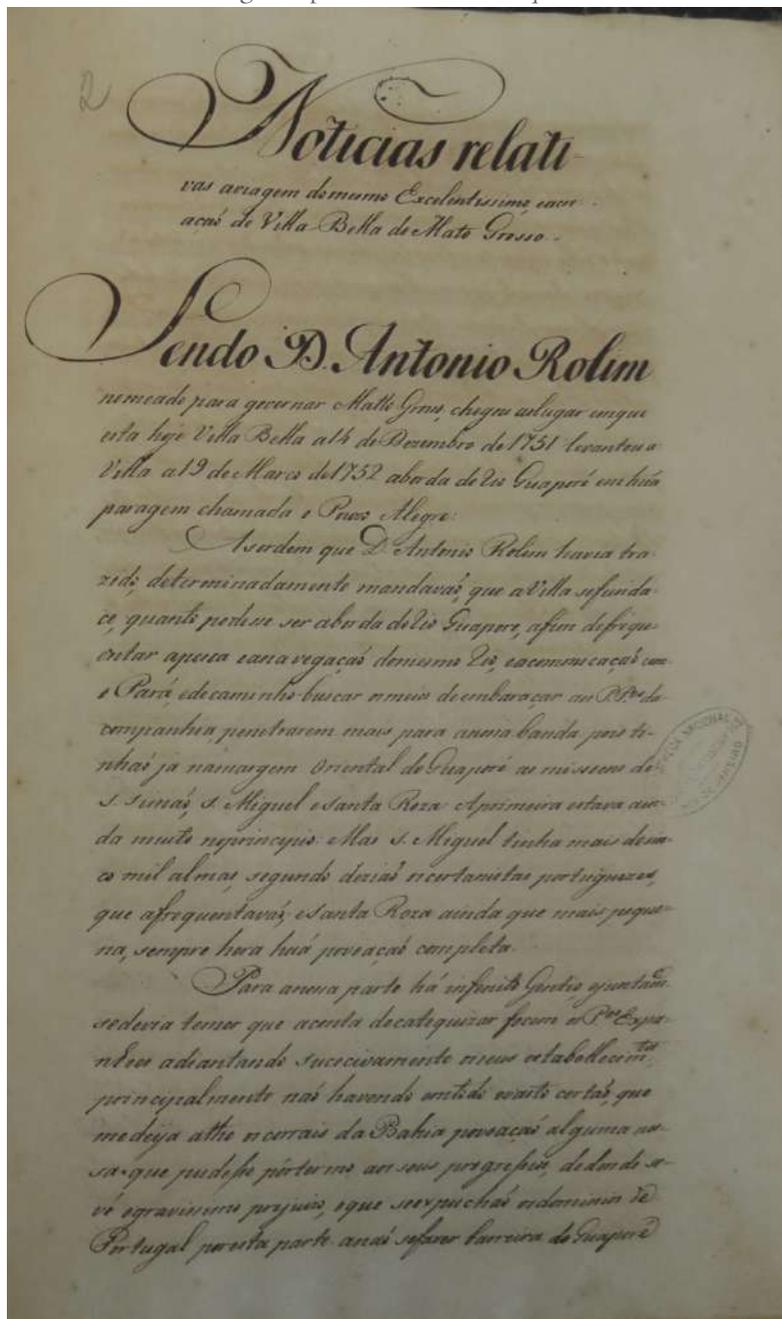
Em relação à primeira parte, há um ponto importante: apesar de ser uma cópia e possuir outros dois manuscritos que configuram cópia de um mesmo texto, há muita variação entre eles. O manuscrito da BNRJ, por exemplo, é o único dentre todas as cópias e edições que começa com “Meu irmão e senhor” em vez de “Meu primo e senhor”. Há também muitas diferenças gráficas, o que faz pensar em um grau considerável de interferência do escriba no texto, restando saber qual seria o testemunho mais alterado nesse sentido. No entanto, além da presença de uma continuação do texto, inédita até então, há também uma “ordem de marcha” (Figura 9), trecho que lista a posição das canoas durante a expedição. Esse trecho também não se encontra em nenhuma outra cópia ou edição localizada. Ele termina com “Tacoary, 10 de Dezembro de 1750” como escatocolo, o que sugere que esse trecho seja cópia de mais um texto escrito durante a expedição. Se a hipótese primária foi a de que poderia haver um único original que serviu de base para três cópias com suas devidas particularidades, diferenciadas apenas pelo grau de intervenção dos copistas, a presença desses novos textos, até então inéditos, junto à cópia da BNRJ (a ordem de marcha e a continuação da viagem de Rolim de Moura) abrem a possibilidade de entender que a história da transmissão desse texto é muito mais complexa do que parece.

Figura 7 – Fólio inicial da primeira parte do documento da BNRJ



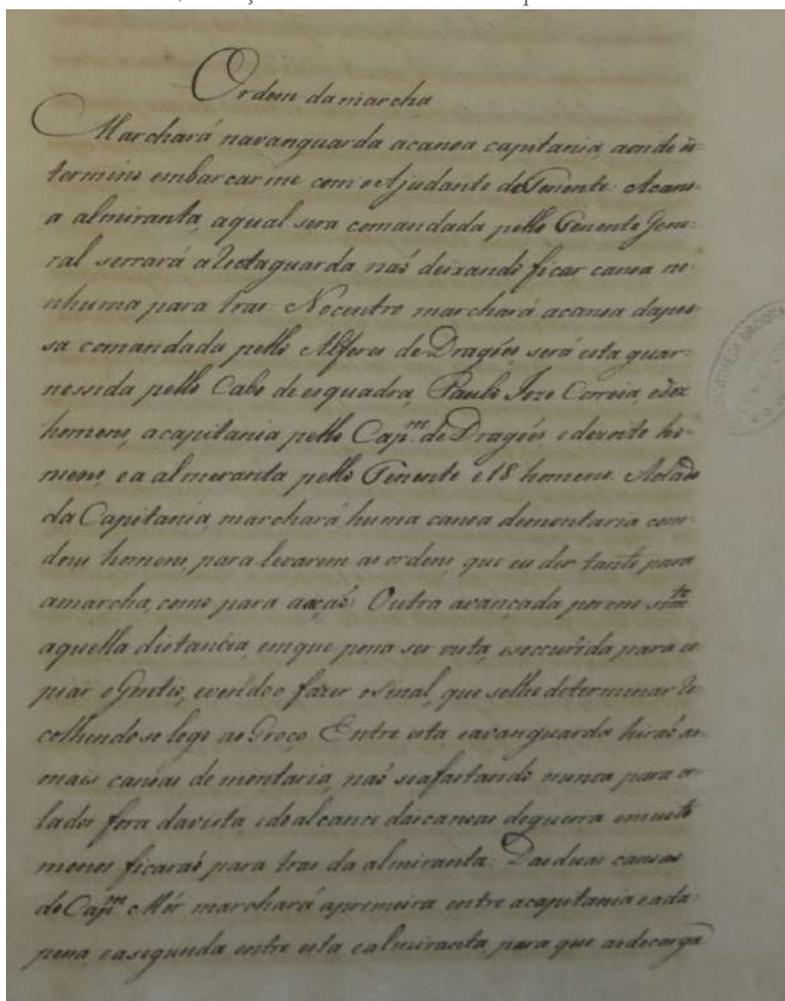
Fonte: Acervo pessoal da prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida M. Borrego.

Figura 8 – Fólio inicial da segunda parte do manuscrito, que não existe nas demais cópias



Fonte: Acervo pessoal da prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida M. Borrego.

Figura 9 – Trecho da “Ordem de marcha”, datada de dezembro de 1750 e anexada ao final da primeira parte do manuscrito, começando no mesmo fólio em que termina o texto da Relação



Fonte: Acervo pessoal da prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida M. Borrego.

## 2. Comentários ortográficos

Para a formulação dos comentários ortográficos, foram separados alguns exemplos de palavras existentes no manuscrito da BNRJ e sua análise tendo em vista o português do final do século XVIII e início do XIX. A grafia é um dos aspectos que mais chamam a atenção na leitura do texto em comparação com as demais cópias manuscritas, que são, a princípio, do mesmo período. A seguir, no Quadro 2, é possível observar os dados selecionados. A primeira coluna diz respeito às formas gráficas encontradas no manuscrito da BNRJ. A coluna do meio, do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, datado de 1750 mas que, de acordo com pesquisas e como já mencionado, aparenta ser do final do século XVIII. A última coluna representa os dados encontrados no manuscrito de Luis Vilhena, do início do século XIX.

Quadro 2 - Exemplos gráficos

<b>BNRJ</b>	<b>BNP</b>	<b>Luis Vilhena</b>
dezenteresse	dezinterece	dezenterece
sucegados	socegados	sucegados
expecie	especie	especie
sossiédade	sociedade	sociedade
reciey	receei	receei
mayor	maior	maior
mosquiteyro	mosqueteiro	mosqueteiro
entrey	entrei	entrei
estiroens	estiroens	esteiros
dragões	dragoens	dragoens
paredões	paredoens	paredoens
menhaas	menhaãs/menhaas	manhaãs/manhaas
percizo	precizo	percizo

Fonte: elaboração própria.

Pode-se dividir os exemplos em algumas categorias: sibilantes, uso de y, nasais e metátese. O século XVIII é uma época de muita importância para o estudo da língua por “ter sido cenário de intensa reflexão metalinguística, constatada pela publicação de diversas obras metaortográficas” (FACHIN, 2011, p. 17)<sup>21</sup>. O autor explica que nessa época houve um número crescente de publicações de obras que incentivavam a “boa maneira” de escrever, destacando-se, por exemplo, as obras de Feijó (1781)<sup>22</sup> e Soares Barbosa (1822)<sup>23</sup>. Além disso, Fachin (2011)<sup>24</sup> aponta ainda que o século XVIII se apresenta como um período de “ortografia pluriforme”, pois destacam-se os sistemas ortográficos etimológico, misto, filológico e simplificado, resultando em multiplicidade gráfica.

<sup>21</sup> FACHIN, P. R. M. *Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

<sup>22</sup> FEIJÓ, J. M. M. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. 3. ed. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781.

<sup>23</sup> BARBOSA, J. S. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

<sup>24</sup> FACHIN, 2011, p. 32.

“No entanto, o confronto do conteúdo de obras metaortográficas com o resultado da análise da escrita de pessoas que escreviam profissionalmente no período, como escrivães, tabeliães e de literatos quanto no de pessoas que não tinham habilidade, mas que faziam uso dessa prática casualmente, refletem a multiplicidade gráfica existente que perdurou por outros séculos” (FACHIN, 2011, p. 32)<sup>25</sup>.

Apesar disso, o autor afirma que a escrita de profissionais, como os escribas, podia, em determinados contextos, apresentar certas características em comum, mostrando que a regularidade da escrita estava a caminho, rumo à formação de uma tradição gráfica de acordo com o contexto de uso. Por vezes, essa regularidade estava de acordo com os manuais publicados no período, o que não ocorria em todos os casos.

Consultando os dicionários de Bluteau (1728)<sup>26</sup>, Silva (1789)<sup>27</sup> e Silva Pinto (1832)<sup>28</sup>, foi possível notar que a maioria das palavras dos manuscritos de Vilhena e da BNP está dicionarizada, oposto às palavras do manuscrito da BNRJ. Nenhuma das variações da palavra “desinteresse” vistas aqui são dicionarizadas; encontra-se “socegado”, mas não “sucegado”; apenas “especie” em vez da ocorrência com “x”; e apenas “sociedade” em lugar de “sossiedade”. Porém, há nos dicionários as formas “menhã”, “manhã” e “mayor”, por exemplo. Isso pode gerar a hipótese de que a escrita do escriba se distancia da tentativa de norma padrão imposta no período.

## 2.1 Sibilantes

Os exemplos de sibilantes aqui são “dezerteresse”, “sucegados”, “expecie” e “sossiedade”. De acordo com Teyssier (1997)<sup>29</sup>, no português medieval as sibilantes possuíam quatro fonemas diferentes. Com o passar do tempo, houve confusão entre <s> e <ss>, e entre <ç> e <c>, originando um conjunto de sibilantes com apenas dois fonemas. O resultado desse processo refletia ainda no século XVIII, como mostram os exemplos selecionados.

Feijó (1781)<sup>30</sup> insiste, porém, que não há motivos para tal confusão, “isto com base numa pronúncia completamente distinta”, indicando provavelmente um “defasamento entre a escrita e a

---

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...*: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.

<sup>27</sup> SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 1. ed. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789.

<sup>28</sup> PINTO, L. M. S. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

<sup>29</sup> TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>30</sup> FEIJÓ, 1781, passim.

pronúncia” (GONÇALVES, 1992, p. 33)<sup>31</sup>, ou ainda uma confusão entre sua variante regional e o uso padrão.

## 2.2 Uso de y

O uso de y é observado em “reciey”, “mayor”, “mosquiteyro” e “entrey”. Sobre o “y”, Soares Barbosa (1822)<sup>32</sup> considera que ele devia ser utilizado apenas em palavras de origem grega, mas Feijó (1781)<sup>33</sup> aceita esse uso também em caso de semivogal intervocálica e, além disso, comenta que há certos casos em que a letra aparece devido ao uso, sem fundamento etimológico. Os exemplos observados aqui correspondem ao critério de semivogal, mas nem todos intervocálicos. A hipótese de utilização por costume, sem fundamento etimológico, também não cabe. Como é possível ver no quadro, nenhuma das palavras exemplificadas nessa parte possui “y” nas duas outras cópias, revelando que não se trata de uso comum. É claro que o “y” é utilizado em vários casos nas duas outras cópias, mas aparecem muito mais pontuais ou realmente consagrados pelo uso, enquanto no manuscrito estudado neste artigo, o “y” é tão utilizado que chega a parecer aleatório.

## 2.3 Nasais

Os exemplos correspondentes às nasais são “estiroens”, “dragões”, “paredões” e “menhaas”. Soares Barbosa (1822)<sup>34</sup> descreve a existência de “oen”, “õe” e “aa” dentre os ditongos nasais, enquanto Feijó (1781)<sup>35</sup> lista, dentre esses, “aã” e “õe”.

“A representação da nasalidade cria alguns problemas aos ortógrafos, uma vez que se trata de um campo marcado por uma instabilidade gráfica e, por vezes, até polêmico. Relativamente à representação da nasalidade nos ditongos, Soares Barbosa descreve os usos habituais, referindo que ela se pode marcar com recurso ao til ou através da sequência de vogal mais consoante nasal” (COELHO; FONTES, 2014, p. 470)<sup>36</sup>

---

<sup>31</sup> GONÇALVES, M. F. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: Para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

<sup>32</sup> BARBOSA, 1822, *passim*.

<sup>33</sup> FEIJÓ, 1781, *passim*.

<sup>34</sup> BARBOSA, 1822, *passim*.

<sup>35</sup> FEIJÓ, 1781, *passim*.

<sup>36</sup> COELHO, S.; FONTES, S. Ideias ortográficas de Madureira Feijó e de Soares Barbosa. *Diacrítica*, v. 28, n. 1, p. 457-477, 2014.

O ortógrafo, porém, aponta o uso do til como caminho mais seguro para evitar confusões. Feijó, no entanto, apesar de utilizar as duas formas, explica que o til é uma abreviação das consoantes nasais “m” e “n”, sem atribuir ao sinal propriamente a característica da nasalidade (COELHO; FONTES, 2014)<sup>37</sup>. No caso dos exemplos demonstrados, revela-se uma escrita que se aproxima do início do século XIX.

## 2.4 Metátese

Existe também uma inversão encontrada entre “percizo” e “precizo”. A forma “precizo” está próxima da escrita etimológica (præcisium), revelando mais um traço importante da ortografia do século XVIII. De acordo com Hora, Telles e Monaretto (2007)<sup>38</sup>, “precizo” e “percizo” exemplificam uma metátese, fenômeno muito encontrado nos estudos de história do Português brasileiro desde suas origens, o que faz com que os autores chamem o Português brasileiro de “língua de metátese”. Na opinião de Araújo (2011)<sup>39</sup>, especificamente sobre o Português europeu, a metátese também ocorre nos estudos de história da língua, inclusive com exemplos parecidos. O que a autora destaca é que “ainda hoje [a metátese] ocorre (...) na fala de pessoas geralmente de baixa escolaridade” (ARAÚJO, 2011, p. 89 apud FREITAS, 2005, p. 126-127)<sup>40</sup> e que o fenômeno é importante para a história da língua mas nem sempre resulta em mudanças definitivas.

## Considerações finais

O que se conclui neste estudo, do ponto de vista paleográfico, é que o manuscrito aqui chamado de BNRJ é muito rico, e ainda não se esgotaram as possibilidades de estudo em relação a ele. Apesar de não existirem muitas informações a seu respeito de sua produção e catalogação, a análise permitiu reconhecer que se trata, muito possivelmente, de um documento do fim do século XVIII ou início do XIX, tem em vista também o tipo de papel e as características da escrita.

A suposta datação oferecida na encadernação do manuscrito, bem como a datação dada ao manuscrito da BNP, provocam a reflexão sobre o modo como se operam as informações provenientes

---

<sup>37</sup> COELHO; FONTES, 2014, p. 471.

<sup>38</sup> HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, set. 2007.

<sup>39</sup> ARAÚJO, M. J. Visão sobre a metátese: da aquisição à linguagem adulta. *eLingUp* (Centro de Linguística da Universidade do Porto), v. 3, n. 1, p. 78-99, 2011.

<sup>40</sup> ARAÚJO, 2011, p. 89 apud FREITAS, 2005, p. 126-127.

de documentos desse tipo, mostrando que uma correta análise paleográfica é muito importante para que sejam divulgados os dados de forma precisa. No caso da BNRJ, não somente saber do fato de que Rolim de Moura recebeu o título de conde apenas na década seguinte à datação, mas principalmente ter conhecimento de existirem textos posteriores à 1750 dentro do documento poderia evitar uma datação equivocada.

A autoria continua desconhecida, porém, pode-se pensar na hipótese de que o escriba não privilegiava tanto a regularidade gráfica, ou não possuía o mesmo domínio que os escribas dos manuscritos da BNP ou de Luiz Vilhena, apesar de o primeiro ter acesso a mais informações do que estes últimos. Isso porque, apesar de suas particularidades, possuem muitas semelhanças, mas o da BNRJ se destaca justamente pelo maior número de oscilações. Considerando que todos são aproximadamente do mesmo período, é possível pensar nessa hipótese.

Quanto aos aspectos ortográficos, tendo em vista os exemplos das sibilantes, do uso de y, das nasais e da metátese, encontrada no texto em abundância, pode-se constatar que, apesar da irregularidade ortográfica comum do período, era possível identificar uma certa sistematização entre os escribas, o que indica que se caminhava na direção de uma maior uniformidade. Além de se consultarem ortógrafos do período, para que se pudesse comentar sobre as estruturas encontradas da melhor maneira possível, também foi importante consultar os dicionários correspondentes aos séculos XVIII e XIX, que auxiliaram a ter uma visão ainda mais clara da crescente uniformização gráfica em meio à irregularidade existente. Os manuscritos estudados neste artigo, portanto, podem constituir uma importante fonte não apenas para a historiografia, como já são, mas também para os estudos sobre a Língua Portuguesa.

## Referências bibliográficas

- AMARAL, B. (Org.). **Recopilação de notícias da Capitania de S. Paulo**. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1935.
- AMORIM, M. L. Monções: canoas de histórias nos rios do ouro cuiabano. **Monções**, Revista de História da UFMS/CPCX, v. 1, n. 1, 2014.
- ARAÚJO, M. J. Visão sobre a metátese: da aquisição à linguagem adulta. **eLingUp** (Centro de Linguística da Universidade do Porto), v. 3, n. 1, p. 78-99, 2011.
- BARBOSA, J. S. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem**. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
- BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. **Catálogo da Exposição de História do Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 1981.
- BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...**: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.
- CANOVA, L. **Antônio Rolim de Moura e as representações da paisagem no interior da colônia portuguesa na América (1751-1764)**. 2011. Tese (Doutorado em História) -Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- CARTA** do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr Conde de Azambuja, ao de Val de Reys em que lhe relata os sucessos de sua viagem para o Seo Governo do Matto grosso em 1750. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, s.d.
- CLETO, M. P. et al. **Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial**. Coleção Paulística. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1977.
- COELHO, S.; FONTES, S. Ideias ortográficas de Madureira Feijó e de Soares Barbosa. **Diacrítica**, v. 28, n. 1, p. 457-477, 2014.
- FACHIN, P. R. M. **Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FEIJÓ, J. M. M. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens**. 3 ed. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781.
- FIGUEIREDO, M. A. **Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar**. Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722.

- GONÇALVES, M. F. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII**: Para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.
- HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, set. 2007.
- MENDONÇA, M. C. **Rios Guaporé e Paraguai**: primeiras fronteiras definitivas do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox, 1985.
- OLIVEIRA, G. G. M. **Estudo do papel e das filigranas e sua ocorrência em manuscritos dos séculos XVIII e XIX na capitania e província de Mato Grosso**. 2014. 299 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014.
- PAIVA, A. M. M. et al. (Org.). **D. Antônio Rolim de Moura**: primeiro Conde de Azambuja. (Correspondências). Cuiabá: EdUFMT, 1982.
- PINTO, L. M. S. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.
- RELAÇÃO** da viagem que fez o Conde de Azambuja da cidade de São Paulo para a Vila do Cuiabá no ano de 1751. Biblioteca Nacional de Portugal, Secção XIII - Manuscriptos/[José António Moniz]. Disponível em: <[http://purl.pt/16750/4/cod-546\\_PDF/cod-546\\_PDF\\_24-C-R0150/cod-546\\_0000\\_capa-capa\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/16750/4/cod-546_PDF/cod-546_PDF_24-C-R0150/cod-546_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. 1. ed. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789.
- TAUNAY, A. E. **Relatos sertanistas**. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. [1953]
- TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- VARNHAGEN, F. A. Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, d. Antonio Rolim, da cidade de São Paulo para a vila de Cuiabá em 1751. **RIHGB**, T.7, p. 469-497, 1845.
- VILHENA, L. S. **Recompilação de notícias da Capitania de São Paulo** [Manuscrito]. Lisboa, 1802. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1095069/mss1095069.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095069/mss1095069.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2021.